Valor

Empresas

Duratex cria fundo de R$ 100 milhões para apoiar empresas inovadoras, conta Oliveira, presidente B4

Destaques

Atacadão e Makro

O Atacadão informou ontem que converteu para a sua bandeira todas as lojas adquiridas do Makro Atacadista. A companhia reiterou o desembolso de R$ 1,96 bilhões relativos à aquisição de 22 lojas próprias, 7 lojas alugadas e 13 postos de combustíveis, após a transferência definitiva das duas últimas lojas próprias, atualmente em fase final de registro nos cartórios de imóveis. Em nota, a companhia informou que a conversão e abertura ocorreu em 6 meses, contra estimativa inicial que ia de 12 a 15 meses. A companhia estima registrar receita líquida de R$ 4,9 bilhões em quatro anos para as 28 lojas. A expectativa é abrir mais 16 lojas e três atacados de entrega em 2021, atingindo 249 lojas e 33 atacados de entrega no fim deste ano. O Atacadão pertence ao grupo francês Carrefour.

Google e os "cookies"

O Google adiou seu plano de remover os "cookies" de outras empresas de seu navegador, o Chrome, em meio a uma disputa regulatória e preocupações dos defensores da privacidade dos usuários e da indústria de publicidade de como a empresa vai substituir a ferramenta. Outrora, a Alphabet, controladora do Google, anunciou que o Chrome deixará de oferecer suporte à tecnologia de rastreamento de usuários chamada de "cookie" de empresas fora do universo Google somente no fim de 2023, quase dois anos depois do prazo inicial estipulado para o começo de 2022. O atraso proporciona uma trégua para anunciantes e agências de publicidade. Os profissionais de marketing estão preocupados com os esforços do Google para retirar os cookies, e buscam novas maneiras de continuar rastreando e direcionando seus usuários. O Google tem proposto e testado várias novas ferramentas para substituir várias funções de cookies de terceiros sem rastrear as pessoas individualmente, como parte do que chama de Privacy Sandbox. As informações são do Dow Jones.

ANP e PetroRio

A Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) aprovou ontem o plano de desenvolvimento revisado do Campo de Frade, segundo a PetroRio. A companhia afirma que a agência também autorizou a retomada da injeção de água de dois poços injetores existentes, até o início da operação das novas unidades. O novo plano permitirá a perfuração de quatro poços produtores e três poços injetores horizontais. Entre o quarto trimestre deste ano e o primeiro trimestre de 2022, a PetroRio deve concluir a primeira fase do plano de revitalização do Campo de Frade, com a perfuração de um poço produtor e dois injetores. Após a conclusão da primeira fase, a companhia pretende iniciar o desenvolvimento do Campo de Wahoo.

Minério de ferro cai 1,2%

O preço do minério de ferro caiu ontem na China. De acordo com a publicação especializada Fastmarkets MB, a tonelada do minério com teor de 62% de ferro recuou 1,2% no porto de Qingdao, para US$ 213,46 por tonelada. No acumulado do mês, a commodity exibe alta de 7,4%, enquanto em 2021, a valorização chega a 33%.

Índice

Editorial B2 B3
Artigo B4
Agenda B5
Indicadores ..... B6 e B8
Cotações B7
Mercados ..... B9 e B10
Agenda B10
Mercados B11
Agenda ..... B11 e B12

Restaurantes Rede informa no balanço que há dúvidas sobre continuidade do negócio

Dívidas põem Madero em risco

Adriana Mattos
De São Paulo

O grupo de restaurantes Madero informou que não há garantias de que consiga honrar suas dívidas de curto prazo antes dos vencimentos. O cenário levanta "dúvidas substanciais sobre a capacidade de continuidade operacional da companhia dentro de um ano a partir da data base das demonstrações financeiras intermediárias", diz o grupo nas notas do balanço do primeiro trimestre publicado ontem.

Na data do relatório, o grupo diz que a geração de caixa estimada para os próximos 12 meses, e as novas linhas com bancos "não serão suficientes para atender os compromissos de curto prazo", mas a cadeia segue discutindo adiamentos e novas linhas. Na soma total, considerando curto e longo prazos, ao fim de março eram R$ 2,4 bilhões em obrigações com bancos, fornecedores, tributos, entre outros — 31% venciam em até um ano.

Em março, eram R$ 545 milhões em empréstimos a vencer em 12 meses e outros R$ 127 milhões no intervalo de um a dois anos. Renegociações tendem a sair mais caras para as empresas nessas situações.

A equipe da PwC, auditoria da empresa, após revisão dos números, diz em relatório anexado ao balanço do primeiro trimestre, que rede "tem apurado prejuízos repetitivos em suas operações e apresentou excesso de passivos sobre ativos circulantes". Essa situação "indica a existência de incerteza relevante que pode levantar dúvida significativa sobre sua continuidade operacional", diz a PwC.

A PwC cita que o Madero tinha capital circulante líquido negativo consolidado de R$ 446,5 milhões em março (eram quase R$ 493 milhões negativos em dezembro). Esse montante inclui recursos para girar estoques, comprar insumos e pagar dívidas de curto prazo, por exemplo. No Madero, parte significativa desse montante era de empréstimos e financiamentos.

Em termos de dívida líquida, eram R$ 876 milhões em março, um terço maior que um ano antes, e o saldo de caixa somava R$ 127 milhões. Em três meses, a relação entre dívida líquida e patrimônio piorou, passando de 2,7 em dezembro para 5,1 em março.

Apesar da pandemia, que feriu bares e restaurantes, na maior crise enfrentada pelo setor em décadas, a receita bruta caiu menos do que no setor — recuou 9,7% em 2020, para R$ 900 milhões, e 9% de janeiro a março.

Mas última linha do balanço sentiu a pressão das despesas, e de janeiro a março, o grupo teve prejuízo líquido de R$ 67,5 milhões, três vezes e meia superior ao mesmo período de 2020. No ano passado, o empresário Junior Durski, controlador da rede, chegou a anunciar 600 demissões, e depois relatou novas contratações e planos de abertura de novas lojas.

Na busca por acordos com bancos, a rede diz que teve que negociar "waiver" (espécie de perdão que leva a um adiamento da dívida) para todos os "covenants" previstos, e que não poderiam ser cumpridos nos contratos de empréstimos de 31 de março. Covenants são compromissos de contratos, relativos a indicadores que têm que ser respeitados pelo devedor. Se este descumprir esses índices, o banco pode antecipar o vencimento da dívida.

A Madero tem dívidas com Banco do Brasil, Bradesco e BTG Pactual. Os covenants seguem índices relativos à relação de dívida líquida e ebitda (lucro antes de juros, impostos amortização e depreciação). No fim de 2020, a empresa disse que esse índice, a ser respeitado, era de até 2,5 vezes, mas o limite foi ultrapassado. Para algumas novas linhas fechadas neste ano, os "covenants" foram ampliados para quatro vezes, mostram o balanço.

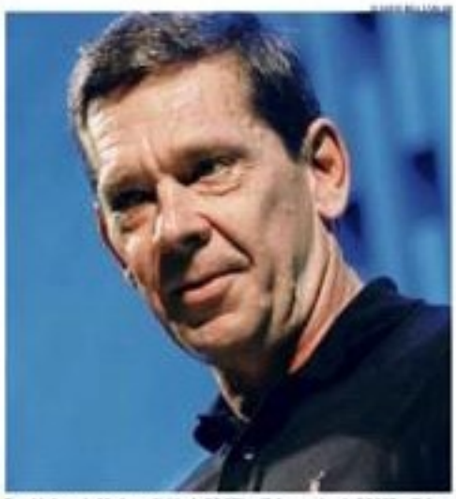
Com o BTG, em janeiro, foi fechada uma linha de R$ 100 milhões, com juros de 1,1% ao mês, garantida por aplicação de 10% da dívida em CDBs do BTG e recebíveis de cartão de crédito. Sobre essa linha há prazo de um ano, e com covenant de 2,5 vezes, válido a partir de 30 de junho.

Procurada, a empresa informou que não se manifesta a respeito. A empresa vinha estudando uma abertura de capital na bolsa brasileira ou nos Estados Unidos meses atrás, para 2021 ou 2022. O fundo americano Carlyle, sócio do Madero, não se pronunciou.

O Carlyle comprou, em 2019, 23% da rede por R$ 700 milhões. Os recursos entraram para quitar dívidas de cerca de R$ 500 milhões na época. Depois disso, em 2020, surgiram informações no mercado de que o Carlyle teria aumentado sua posição na empresa, e injetado mais recursos no negócio. O Madero negava a informação na época. O apresentador Luciano Huck era sócio minoritário, mas deixou a empresa em 2020.

Desde março, houve uma melhora no cenário geral do setor de restaurantes. Uma eventual aceleração no negócio da Madero, que veio crescendo nos anos anteriores à crise da pandemia, ainda não estaria identificada nos números, já que o relatório divulgado ontem é relativo ao primeiro trimestre.

Nas notas do balanço, a empresa cita os efeitos da forte desaceleração econômica que levaram a uma "redução significativa" de seus resultados, mas afirma que as receitas aumentaram desde o terceiro trimestre de 2020, com a redução dos lockdowns.



Durski, dono da Madero: dívida de R$ 876 milhões e caixa de R$ 127 milhões

Cade aprovaria fusão entre Azul e Latam, diz Gol

Aviação

Cristian Favaro
De São Paulo

Questionado por investidores durante evento ontem, o presidente da Gol, Paulo Kakinoff, afirmou que é difícil especular sobre os cenários envolvendo uma possível fusão entre Latam Brasil e Azul. O executivo, entretanto, afirmou que, na sua visão, um eventual acordo seria aprovado por reguladores como o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade).

"Acho que pode ser aprovado, mas há discussões sobre remédios na mesa", observou. Os executivos da aérea participaram ontem de um encontro com investidores chamado "The Future of Flying". A ocasião foi para celebrar 17 anos da empresa listada na B3 e na bolsa de Nova York.

Há muita expectativa no mercado sobre os próximos passos da Azul, que tem tratado com credores da Latam um possível movimento para comprar os negócios da Latam no Brasil via o processo de recuperação judicial da chilena.

Kakinoff foi questionado ainda se a empresa veria espaço para acordos de compartilhamento de voos (codeshare) com a Azul. "Estamos acostumados a fazer parcerias com diferentes aéreas. Estamos sempre abertos para esse tipo de construção", disse.

Segundo o executivo, o cenário de pandemia é uma janela importante para movimentações no mercado na direção de consolidação, seja via acordos de codeshare ou fusão. "Tudo é esperado nesse mundo pós-pandemia", disse.

O vice-presidente de vendas e marketing da Gol, Eduardo Bernardes, previu firmeza para a demanda futura no setor, após a forte queda registrada em abril com a segunda onda de covid-19. "As vendas cresceram nas últimas seis semanas. A vacinação tem criado um ambiente de confiança entre nossos consumidores", disse Bernardes.

O executivo destacou ainda que o mercado está mostrando uma retomada também no braço corporativo. Embora alguns segmentos estejam focando mais em videoconferências (e, portanto, evitando despachar funcionários em voos), Bernardes apontou que outras áreas como setor de petróleo e gás, agronegócio e construção civil, devem voltar aquecidos por viagens. "Esperamos que o crescimento da economia vai criar oportunidades".

A Gol espera que a demanda corporativa doméstica em 2021 fique na casa dos 30% a 40% do que costumava ser em 2019. A projeção é que no primeiro trimestre de 2022 o mercado corporativo doméstico já estará recuperado.

No segundo trimestre deste ano, a Gol operou 220 voos por dia, em média, e atendendo a 134 mercados. A ideia é que, no segundo semestre, a média seja de 500 voos por dia, com 159 mercados.